

Novos recursos não virão logo

Rio — O presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, disse no final da tarde de ontem, no Rio, que o fato de o Brasil ter fechado acordo com os bancos credores não significa, a curto prazo, ingresso de novos recursos no País. Segundo ele, o acordo definitivo só será fechado em janeiro e as condições de pagamento precisam ser aprovadas pelo Congresso. Pelas suas previsões, o documento final deverá ser enviado ao Congresso em agosto. Os bancos credores, disse ele, abriram mão de 35% do total da dívida, o que representa cerca de US\$ 13,5 bilhões (Cr\$ 49,4 trilhões), e “seria demais esperar novos recursos”. Gros afirmou que os negociadores devem iniciar agora os acertos com os 400 bancos credores quanto à forma de pagamento das garantias de US\$ 3,2 bilhões (Cr\$ 11,7 trilhões), mas admitiu que o Brasil acabou aceitando pagar a metade deste total com recursos próprios e o restante com recursos oriundos do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Para o presidente do BC, a grande vantagem do acordo para o Brasil foi a redução em 35% de sua dívida e a sua reinserção no cenário internacional, com credibilidade para atrair novos investimentos e ter acesso a agências oficiais de financiamento. Para os credores, a grande vantagem apontada por Gros foi o compromisso do pagamento dos juros da dívida correspondentes a 1990 e 1991, além da finalização do acordo de 1988, com a transformação de termos escriturais, que ele denomina de Daust Bonds (porque estes papéis foram assinados pelo ex-negociador da dívida, Jório Dauster), em bônus que serão pagos. “Os bancos abriram mão de 35%, mas receberam a garantia de pagamento de 65% da dívida”, explicou.

O presidente do Banco Central informou, ainda, que a entrada de recursos externos no País continua superior à saída. Ele disse que o dinheiro especulativo que tem entrado e saído no curto prazo é, em sua maioria, de fundos de pensões. Estes fundos, explicou, movimentam hoje expressivas somas e “é preciso considerar que as Bolsas apresentaram valorização média de 20%, o que não ocorre nos países de origem destas instituições”.